

Reflexões sobre a surdez: Caminhos trilhados em uma prática!

Renata Saldanha Rieffel¹

Ravele Bueno Goularte²

Marcia Lunardi Lazzarin³

Universidade Federal de Santa Maria

Eixo temático: 20 Surdez / Deficiência Auditiva

Categoria Comunicação Oral

Resumo

O presente artigo possui o objetivo de proporcionar uma reflexão a cerca da prática realizada em escolas de surdos, bem como apresentar as maneiras de como uma acadêmica chega na escola, antes da prática, provinda somente das discussões teóricas da universidade e também como esta prática pode modificar a jeito de ser da aluna e consequentemente da acadêmica. Através da apresentação e análise de uma prática de estágio em uma escola de surdos, em uma turma de apenas uma aluna que apresentava inicialmente um comportamento difícil, com alterações de humor e por consequência, algumas vezes se recusava a fazer as atividades, para minimizar essas reações todo o trabalho foi organizado com a articulação entre Cultura, LIBRAS e Literatura infantil baseado na perspectiva dos Estudos Culturais em Educação, por meio da estratégia didática da contação de histórias. A partir disso, a intenção foi trabalhar os conteúdos didáticos articulados a esses elementos culturais. Com o passar das aulas fui percebendo que esse comportamento arredo foi sendo minimizado e substituído por atitudes mais participativas já

¹ Autora, acadêmica do oitavo semestre do curso de Educação Especial Licenciatura Plena da Universidade Federal de Santa Maria/RS.

² Coautora, acadêmica da pós-graduação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS.

³ Orientadora, professora do Departamento de Educação Especial (EDE) do Curso de Educação Especial Licenciatura Plena, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS.

que os planejamentos das aulas vinham ao encontro dos interesses da aluna, como por exemplo, os trabalhos artísticos e manuais.

Palavras-chave: surdez; prática; reflexão.

Introdução

Inicialmente apresento a minha experiência com a temática Surdez. Ingressei no curso de Educação Especial na Universidade federal de Santa Maria/RS pensando que teria experiência com diversos tipos de deficiência, durante o meu primeiro estágio, dificuldade de aprendizagem, tive facilidade por conta de ser um campo em que eu me identificava e que também já tinha experiência. Quando me deparei com a surdez e consequentemente com as aulas de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, meu interesse não foi o mesmo por ser uma área que eu não me identifiquei e também por ter dificuldade na aquisição da língua de sinais. Para tanto, esta temática faz parte da habilitação para eu me tornar uma educadora especial. Experimentar esse contato com os surdos durante este estágio, serviu principalmente para mudar meu olhar em relação às pessoas e o que posso esperar delas, através do rompimento de barreiras e expectativas, pois era comum e visível o meu apavoramento durante a elaboração dos primeiros planejamentos, leituras e discussões sobre essa temática, achando que eu não iria conseguir dar conta dessa atividade em função das inúmeras barreiras colocadas por mim. Ao final de tudo, expresso aqui o sucesso de um desafio que me foi proposto obrigatoriamente e que eu não imaginava que iria me marcar e surpreender tanto.

Referencial Teórico

Trago aqui as formas de como o surdo foi se constituindo ao longo da história, partindo do pressuposto que

“todas as interpretações possíveis sobre o que convencionamos chamar de surdez são interpretações culturais. Não há do que possamos afirmar sobre a surdez que não esteja alojado dentro de campos de sentidos produzidos culturalmente” (LOPES, 2007, p. 7 – 8)

Entende-se neste estudo, cultura como sendo aquilo que é produzido pelo ser humano. Ela está presente desde os povos primitivos em seus costumes, sistemas, leis, religião, em suas artes, ciências, crenças, mitos, valores morais e em tudo aquilo que compromete o sentir, o pensar e o agir das pessoas.

A partir de esse olhar culturalmente estabelecido a sociedade constrói formas de entender aquilo que somos e aquilo que o outro é, bem como o que é normal, do que é anormal. Apresentarei aqui o olhar da sociedade sobre a surdez e como isso influenciou a constituição do surdo ao longo do tempo.

Primeiramente a surdez foi vista como deficiência e assim classificada em níveis de perda auditiva, e por consequência, quando se tem uma deficiência cria-se maneiras para lidar com ele e minimiza-la de alguma forma para tentar manter o padrão normal de sujeitos na sociedade, onde teoricamente todas as pessoas têm e sabem usar seus cinco sentidos.

Como forma de minimizar os efeitos da perda auditiva do surdo temos o conceito do oralismo em que se constituiu como formas de tratamento para fazer com que o indivíduo surdo escute e com isso se comunique oralizando como as demais pessoas. Maura Corcini Lopes (2007) contribui com a questão do oralismo exemplificando que

“Na clínica, terapias de fala, aparelhos auditivos, técnicas diversas de oralidade foram desenvolvidas com

a finalidade da normalização. Na família, a busca por especialistas, a dedicação integral aos filhos com surdez e a inconformidade pela falta de audição, por muitos anos mobilizaram e mobilizam pais e mães.”

Trazendo a discussão para o âmbito desta prática é importante ressaltar que a aluna Ana Gabriele tem um resto auditivo considerável e utiliza da oralização em todos os ambientes fora da comunidade escolar, inclusive no seio familiar, pois nenhum membro da sua família sabe língua de sinais.

“Na relação com o ouvinte, o surdo foi ensinado a olhar-se e a narrar-se como um deficiente auditivo. A marca da deficiência determinou durante a história dos surdos e da surdez a condição de submissão ao normal ouvinte.” (LOPES E VEIGA NETO, 2007, p 3). Essa condição de subordinação se perpetuou durante muito tempo, sendo que atualmente olhamos a surdez não a partir da falta e sim pela diferença cultural e linguística.

Outra questão pertinente a ser considerada na história da surdez, é a existência do padrão surdo, da norma, em que no conjunto de pessoas que fazem parte da comunidade surda constituem naturalmente um padrão de participação nesse grupo, que obviamente dever ser um sujeito surdo.

Trazendo a discussão para o âmbito do meu estágio, esta questão do padrão surdo às vezes fica evidente porque a Ana muitas vezes faz sinais, querendo dizer alguma coisa que eu não entendo, na maioria das vezes que isso acontece ela explica de algum outro jeito ou oraliza e eu compreendo. Em outros momentos em que ela não está com vontade de fazer isso ela simplesmente me ignora sinalizando que eu não entendo porque eu não sei LIBRAS e eu não sou igual a ela porque eu ouço. Essa constatação da Ana é baseada nesse conceito de padrão, ela me mostra isso como uma coisa natural, afinal eu sou ouvinte e é isso

que me diferencia dela. Nessa condição ela passa a diferença para mim já que o padrão de normalidade é ser como ela, no caso, surda. Pensando dessa maneira, exemplifica-se o que sempre foi estudado e discutido ao longo do nosso curso, o que me parecia muito bonito na teoria mas difícil de encontrar na prática, o olhar para a surdez a partir de uma diferenciação cultural, e não como um sujeito da falta.

A educação dos surdos na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul até a década de 1990 tinha uma abordagem oralista, onde pretendia-se que eles tivessem a Língua Portuguesa oral como primeira língua. A partir dessa data, a comunidade surda juntamente com professores se mobilizaram e procuraram os direitos dos surdos visando a utilização da Língua de Sinais como método de aprendizagem dos alunos surdos, objetivando proporcionar a eles uma educação bilíngue tendo a LIBRAS como primeira língua e o português escrito como segunda língua.

A abordagem metodológica escolhida para a intervenção de estágio se deu a partir do conceito de Aprendizagem Significativa estudado por David Ausubel (MOREIRA, 1999). Essa concepção foi escolhida depois de observações da aluna e conversas com professores anteriores, em que foram percebidos comportamento arredios da aluna em relação à aceitação da escrita do português e também uma aversão na realização de atividades que ela desgostava, mas que eram importantes para sua aprendizagem. O objetivo de associação deste conceito a prática foi dar significado aos conteúdos didáticos para Ana, partindo de assuntos do seu interesse como intuito de minimizar tais comportamentos gradativamente.

A aprendizagem significativa é constituída como "(...) um processo por meio do qual uma informação se relaciona, de maneira substantiva (não-literal) e não-arbitrária, a um aspecto relevante da estrutura cognitiva do indivíduo (...)" (AUSUBEL, 1963

apud MOREIRA, 1999, p. 11). Nesse sentido, a partir da compreensão do conceito de aprendizagem significativa foi apresentado a aluna os conteúdos interligando-os com a literatura infantil, com a utilização da língua de sinais e também com situações do seu cotidiano ou através de recursos potencialmente significativos, como objetos, jogos, brincadeiras, artes, pesquisas, deixando o conteúdo intrínseco neles, sem colocar em foco o que realmente será estudado.

Dessa forma, tentei direcionar a proposta pedagógica visando trabalhar o lado lúdico da literatura infantil mostrando como a beleza e o prazer de interpretar uma história pode fazer diferença na aprendizagem. Baseada na conceituação teórica mencionada pude perceber que o uso da literatura infantil auxiliou a aluna na fluência, compreensão, leitura e escrita em português.

A sala de aula é um ambiente onde a aprendizagem pode ser caracterizada como um processo feito de expectativas e desafios, durante esta prática um dos principais desafios encontrado foi a comunicação, pois a aluna possui um domínio excelente na língua de sinais, apesar de ter um resto auditivo, e eu não ter fluência na língua.

Lopes e Veiga-Neto (2006) afirmam que “ter o próprio surdo como o outro significa buscar nele a possibilidade de que ele mesmo sirva como referencia, capaz de informar aquele que olha e se olha sobre (o que é) a condição ser surdo.” Confirmando essa afirmação apresento o exemplo de que a aluna Ana, tem sua condição de ser surda muito bem definida a partir dos exemplos que ela tem na escola, como o diretor Jeferson, as professoras de língua de sinais, sendo quando questionada sobre o que gostaria de ser quando crescer, afirma sem descrição que gostaria de ser como eles, tal afirmação inconscientemente para difundir a cultura surda.

Objetivos

A intenção crucial deste estudo é proporcionar uma reflexão a cerca da prática realizada em escolas de surdos, bem como apresentar as maneiras de como uma acadêmica chega na escola, antes da prática, provinda somente das discussões teóricas da universidade e também como esta prática pode modificar a jeito de ser da aluna e conseqüentemente da acadêmica.

Metodologia

A turma do 2º ano do 2º ciclo é composta por apenas uma aluna – Ana⁴, nascida em fevereiro de 2001 em Santa Maria/RS, com idade de 12 anos.

A aluna é surda, porém possui um resto auditivo considerável, utilizando a língua de sinais na escola e oralizando o português em casa, mesmo assim considero que Ana possui uma identidade surda muito bem constituída. Neste estudo entende-se a surdez como uma diferença cultural, onde ser surdo é o primeiro traço de uma identidade cultural e linguística. Esses traços linguísticos e culturais constituem-se por meio das trocas que se estabelecem entre os pares surdos em ambientes linguísticos favoráveis, nesse sentido a escola de surdos na qual fiz esse estagio constitui-se como um desses ambientes. Ou seja, como a Ana vive em um ambiente surdo, tudo que é feito, visto e apresentado neste local a afirma como pertencente desta comunidade e desta cultura. Nesse sentido corroboro com Lunardi e Klein (2006, p 17) ao falarem das culturas surdas, “entender as culturas surdas é percebê-las enquanto elementos que se deslocam se fragilizam e se hibridizam no contato com o outro, seja ele surdo ou ouvinte; é interpreta-las a partir da diferença”.

⁴ Nome fictício.

Em relação a vida escolar Ana Gabrieli, no primeiro trimestre do ano de 2012, freqüentou assiduamente as aulas de março a maio, tendo mais de 75% de frequência. Sendo que ela, durante este período foi sujeito de estudo do estágio da Acadêmica do Curso de Educação Especial/UFESM – Renata Saldanha Rieffel, na periodicidade de duas vezes por semana, nas segundas e terças-feiras. O restante da semana Ana foi atendida pela Pedagoga e Supervisora do estágio Raquel dos Santos Pereira.

Em relação ao seu desenvolvimento cognitivo Ana Gabrieli, encontra-se em transição entre o período operatório concreto e o período operatório abstrato, pois em algumas situações necessita de material concreto para a realização de determinadas atividades matemáticas, por exemplo, e em outros momentos realiza operações hipotético-dedutivas e lógico-matemáticas com êxito. Quanto aos aspectos referente a aquisição da língua portuguesa a aluna respondeu muito bem as relações feitas entre a língua de sinais, em que ela possui ótima fluência, imagens e escrita em língua português. Essas relações foram concretizadas através de glossários construídos pela aluna e através deles a aluna conseguiu ampliar seu vocabulário na língua portuguesa.

Em relação às operações matemáticas, Ana Gabrieli realiza contas com dois algarismos de soma e subtração, efetua contas de multiplicação dos números 2 e 3, algumas vezes necessitando de materiais concretos para contagem. Reconhece os números pares e ímpares, bem como dezena e unidade.

No início do estágio, a escrita em língua portuguesa não acontecia espontaneamente, a aluna não gostava de escrever por não conseguir relacionar imagem e escrita de um objeto, por exemplo. Nesse aspecto Ana conseguiu evoluir consideravelmente através das atividades que foram realizadas no decorrer das aulas, pois sempre utilizamos métodos diferenciados para produção de escrita sempre com a temática de Histórias, cada semana

tínhamos uma história diferente que contemplava os conteúdos curriculares obrigatórios juntamente com atividades lúdicas e práticas artísticas, em que a aluna se interessava muito. Em suma, a aluna em questão se mostrou muito atenta e caprichosa na realização de todas as atividades propostas.

Um dos principais pontos a serem destacados desta prática foi importância de nós professores ouvirmos as narrativas dos alunos, através da prática na escola fica muito claro a necessidade de contar uma história que a Ana apresenta, principalmente nas segunda-feiras. Como neste dia faz algum tempo que ela não vai na escola, ela têm que contar como foi o seu fim de semana com riqueza de detalhes, e ela não contava só para mim, mas para a Renata (aluna da Édna que fica do outro lado da sala) que já complementa com a história dela e conversa vai longe até, normalmente, alguma professora fazer um corte para voltar ou iniciar os trabalhos previstos para o dia. Essa necessidade de contar parece ser incontável, e a questão de utilizar a LIBRAS para isso, que neste caso é só na escola que a Ana pode se comunicar assim, a legitima como surda porque Ana possui uma identidade surda muito bem constituída através do espaço escolar.

Resultados

O planejamento e execução das atividades durante o estágio se deu a partir da articulação entre Cultura, LIBRAS e Literatura infantil baseado na perspectiva dos Estudos Culturais em Educação. Essa temática teve como estratégia didática principal a contação de histórias. Este embasamento foi escolhido a partir de observações do interesse da aluna em histórias e também por ser um eixo em que podem ser trabalhados praticamente todos os conteúdos didáticos pertinentes ao segundo ano do segundo ciclo.

As atividades foram realizadas todas as segundas e terças-feiras, das 13 horas e 30 minutos às 17 horas e 30 minutos na

Escola Reinaldo Cóser, por isso os planejamentos foram organizados semanalmente e cada um tinha um assunto norteador, normalmente baseado em uma história, data comemorativa ou passeio, como por exemplo as histórias “O patinho Medroso”, “Ida e Volta”, “Elmer o elefante diferente” e assim por diante.

Ao todo foram executados 13 planejamentos semanais diferentes, após a escrita de cada um deles havia um espaço nomeado observações, onde foram destinados os principais acontecimentos da realização de cada planejamento, como angústias, atividades que deveriam ser repetidas, facilidades e dificuldades da aluna e também da estagiária, formando assim um diário de campo com informações importantes, as quais as principais serão apresentadas e analisadas neste relatório.

Em suma o resultado mais importante desta surpreendente prática foi a modificação da aprendizagem da aluna, a dimensão do benefício dessa melhora só foi percebida no dia da apresentação do relatório final do estágio na escola, em meio à comunidade de surdos. Nesta ocasião, após a apresentação dos caminhos e metodologias que resultaram na descoberta que a aluna oralizava muito bem e que também o seu pensamento era organizado tanto pela língua falada quanto pela língua de sinais. Neste momento a estagiária que fez esta descoberta foi homenageada pela professora titular da turma em meio à comunidade surda, que ainda reluta em aceitar esse casamento saudável entre a língua de sinais e a língua oralizada por consequência dos abusos sofridos pelos surdos ao longo da história em prol da supremacia dos ouvintes sobre eles.

Conclusões

Um dos principais desafios desta prática foi, sem dúvida a dificuldade que tive em desenvolver estratégias que envolvesse, a temática da literatura infantil com os conteúdos que deveriam ser

desenvolvidos, de maneira em que a Ana entendesse sempre utilizando língua de sinais e português oralizado.

Contudo, aos tantas análises, reflexões e dificuldades na elaboração deste relatório o que ficou de aprendizado apesar das relutâncias foi que a expressão do ser surdo: abrange uma experiência de ser, de estar no mundo que é vivida no coletivo, mas sentida de maneiras particulares.

Durante as práticas fiquei muito feliz de ter conseguido aproveitar o resto auditivo da Ana, bem como a oralização da aluna de uma maneira positiva e saudável para melhorar a nossa comunicação e também explicar das duas formas os conteúdos didáticos. Trazendo o exemplo de que a aluna organiza seu pensamento tanto oralizando como fazendo sinais, como por exemplo: quando a Ana conta os materiais na hora de realizar uma operação matemática, as vezes oralizando e as vezes sinalizando, essa questão mostra que ela lida muito bem com as duas perspectivas. Durante a apresentação deste relatório, eu fui muito elogiada pelas professoras da escola por ter conseguido descobrir este lado da aluna, bem como lidar positivamente com isso, sendo que a maior beneficiada com esta descoberta foi a aluna.

Referências

GOODY, J. **Cultura escrita em sociedades tradicionais**. Barcelona: Gedisa, 1996.

KLEIN, Madalena; LUNARDI, Marcia Lise. **Surdez: um território de fronteiras**. ETD. Educação Temática Digital, Campinas/SP, v. 7, n. 2, p. 17, 2006.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez e Educação**, Porto Alegre: Autêntica, 2007, p. 7-8.

LOPES, Maura Corcini e VEIGA-NETO, Alfredo. **Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar.** Florianópolis: Perspectiva, v. 24, 2006, p.2-3.

MOREIRA, Marco Antônio. **Aprendizagem Significativa.** Brasília: Universidade de Brasília, 1999, p. 11.

PERLIN, Gladis T. T. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre, Mediação , 2005.

SKLIAR, Carlos. **A invenção e a exclusão da alteridade deficiente a partir dos significados da normalidade.** In: Educação e Realidade, Porto Alegre, v.24, nº2, jul/dez, 1999.

STROBEL, Karin Lílian. **História dos Surdos: Representações 'Mascaradas' das Identidades Surdas.** Estudos Surdos II / Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlin (Orgs).– Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2007. <http://www.editora-arara-azul.com.br/estudos2.pdf>